

# FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS DO CONCEITO DE PAISAGEM: Uma Breve Análise da Trajetória Geográfica

Danyella Vale Barros França<sup>1</sup>

Quésia Duarte da Silva<sup>2</sup>

Crystiã Araújo Leão<sup>3</sup>

## RESUMO

A paisagem existe na concepção do ser humano antes mesmo da formulação de seu conceito. Com a evolução do conhecimento, esta passou a ter significados que se diversificam à medida que são empregados nos mais distintos campos científicos ou disciplinares. Com a sistematização dos saberes, a paisagem tornou-se uma categoria de análise geográfica, a qual foi transformada, interpretada e adaptada conforme a escola a que estava ligada. Em algumas correntes geográficas esta categoria foi enaltecida, em outros momentos, ofuscada, devido ao momento histórico, político e econômico em que essas correntes foram estabelecidas. Neste sentido, o presente artigo objetivou realizar uma breve discussão a respeito da evolução do conceito de paisagem, sobretudo no campo disciplinar geográfico, levando em consideração as escolas nacionais que mais promoveram o conceito de paisagem em seus estudos.

**Palavras-chave:** Geografia; paisagem; trajetórias geográficas.

## EPISTEMOLOGICAL BASIS OF THE LANDSCAPE CONCEPT: A BRIEF REVIEW OF GEOGRAPHICAL TRAJECTORY

### ABSTRACT

The landscape exists in the conception of the human being even before the formulation of its concept. With the evolution of knowledge, it assumed various meanings as they are employed in the most diverse scientific or disciplinary fields. With the systematization of knowledge, the landscape became a category of geographical analysis, which was transformed, interpreted and adapted according to the school that was linked. In some geographical currents, this category has been praised, at other times overshadowed by the historical, political and economic moment in which these currents were established. In this sense, the present article aimed to make a brief discussion about the evolution of the concept of landscape inside and outside the geographic disciplinary field, taking into consideration the national schools that most promoted the concept of landscape in their studies.

**Keywords:** Geography; landscape; geographic trajectories.

Submetido em: 18/12/2019

Aceito em: 1º/6/2020

<sup>1</sup> Autora correspondente: Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos – IMESC. São Luís/MA, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/8333644100969938>. <https://orcid.org/0000-0002-7659-658X>. [danyellabarrosgeo@hotmail.com](mailto:danyellabarrosgeo@hotmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Estadual do Maranhão. São Luís/MA, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/3965642424716335>. <https://orcid.org/0000-0003-4496-3426>

<sup>3</sup> Universidade Estadual do Maranhão. São Luís/MA, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/9753019115467545>. <https://orcid.org/0000-0002-8641-8541>

## INTRODUÇÃO

O presente artigo parte das reflexões realizadas a respeito do conceito de paisagem, suas aplicações e contextos, uma vez que na Geografia este termo apresenta-se como categoria de análise científica.

Na ciência geográfica, este termo foi agregado de conceituações e esteve presente desde os fundamentos da referida ciência. Conseqüentemente, com o avançar do conhecimento e das discussões, o conceito de paisagem foi sendo reformulado, sendo-lhe atribuídas novas concepções, ou aprimoradas as anteriormente formuladas.

Deste modo, atualmente os estudos epistemológicos da Geografia discutem o termo paisagem como conceito ou categoria de análise, porém, faz-se necessário entender os fundamentos desta terminologia e suas trajetórias dentro da ciência supracitada.

É importante ressaltar, no entanto, que, antes de assumir uma conotação acadêmica definida para esta ciência, o termo em si mesmo possui suas próprias definições.

Inicialmente, o termo paisagem não está atrelado a nenhuma ciência ou campo disciplinar. Na sua materialidade, surge juntamente com a formação do planeta, podendo, desta forma, ser estudado desde a Pré-história, visto que antes mesmo da sistematização do conhecimento, a paisagem já existia, e o ser humano a compreendia antes da formulação de um conceito (SILVEIRA, 2018).

Com o avançar dos saberes, a paisagem ganhou um significado conceitual, utilizado por diversas ciências, porém, na Geografia ela se constitui em uma categoria com caráter específico e distinto daquele utilizado pelo senso comum.

Segundo Moura-Fé (2014), o conceito de paisagem foi originalmente ligado ao positivismo, na escola alemã, numa forma mais estática, onde se focalizam os fatores geográficos agrupados em unidades espaciais, com ênfase para seus aspectos superficiais e, numa forma mais dinâmica, na geografia francesa, onde o caráter processual é mais importante, com destaque para o funcionamento da paisagem.

De acordo com a literatura especializada, foi na escola francesa que nasceu uma das pioneiras contribuições acerca do conceito de paisagem, relacionada ao campo do visível. Sob tal perspectiva, Ortizoga (2010) menciona Vidal de La Blache (1845-1918) que afirmava que paisagem é aquilo que "[...] o olho abarca com o olhar". O conceito de paisagem, porém, foi passando por modificações conforme as escolas e as aplicações dela eram feitas, e a restrição conceitual ao campo do visível mostrou sua pequenez em relação a todas as outras interpretações e conotações que este conceito representa.

Para Guerra e Marçal (2006),

O conceito de paisagem tem sido muito discutido, ao longo dos últimos anos, por vários autores, que em geral relacionam a origem do termo a um período mais clássico de sua interpretação, evoluindo para análises mais modernas e chegando ao conceito mais recente de Paisagem Integrada (p. 102).

Hoje, a ideia da paisagem merece mais atenção pela avaliação ambiental e estética. A sociedade entende a paisagem predominantemente pelo visual, indepen-

dentemente se esta possui muitos aspectos naturais ou não. Neste sentido, depende muito da cultura das pessoas que a percebem e a constroem. Ela é, assim, um produto cultural resultante do meio ambiente sob ação da atividade humana.

Desta forma, a transformação do conceito de paisagem está associada à evolução do conhecimento e da visão de mundo que cada pensador possui individualmente. Sendo assim, mediante os pressupostos apresentados, objetivou-se realizar neste trabalho uma breve discussão a respeito da evolução do conceito de paisagem, sobretudo no campo disciplinar geográfico, levando em consideração as escolas nacionais que mais promoveram o referido conceito em seus estudos.

Para melhor organização do pensamento em relação ao termo, o artigo foi estruturado em três tópicos conceituais, os quais atendem ao objetivo proposto neste artigo. No primeiro tópico, são apresentadas as reflexões a contar de como o conceito é entendido a partir de seu próprio termo, levantando-se questionamentos que fazem o leitor refletir mais a respeito da epistemologia da palavra e dos significados que lhe foram atribuídos com o passar dos anos, traçando-se uma breve linha histórica, que conduz o leitor na observação e interpretação destas significações.

No segundo momento, o conceito de paisagem é apresentado dentro da Ciência Geográfica, ressaltando-se a epistemologia da palavra nas mais diferentes escolas e as formas como este conceito foi trabalhado pelos mais diversos autores dentro da Geografia.

No terceiro e último tópico é exposto o conceito e suas reformulações dentro da trajetória histórica da Ciência Geográfica, com a apresentação das principais escolas da Geografia e como este conceito foi abordado nos diferentes momentos de construção da ciência supracitada e, conseqüentemente, sendo construído também.

## PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Para alcançar o objetivo proposto e chegar à discussão salientada, partiu-se de investigações bibliográficas acerca do uso do termo paisagem, nos mais diferentes campos da ciência, buscando em periódicos diversos o que se entende sobre o mesmo e como deu-se a evolução conceitual, sobretudo no campo geográfico.

No Quadro 1 estão dispostos alguns periódicos e livros consultados, que contribuíram para as reflexões e construção do texto. Na seção referências, têm-se todas as informações detalhadas para a consulta de tais documentos, além de outros, como teses e anais de eventos, que foram importantes neste momento da pesquisa.

Quadro 1 – Breve apresentação da bibliografia consultada nas reflexões a respeito do conceito de paisagem

PERIÓDICOS	LIVROS (Apenas título)
Revista Espaço e Cultura	Geomorfologia
Revista RA'EGA	Paisagem, tempo e cultura
Revista Tamoios	Modelagem de sistemas ambientais
Revista Sociedade e Território	Paisagem, imaginário e espaço

Revista Geografia	Géosystèmes et paysages: bilan et methods.
Revista GeoSul	Geomorfologia ambiental
Revista do Departamento de Geografia	L'Homme et la terre: nature de la realite geographique
Revista Geográfica Elisée	Geografia e Modernidade
Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales	Land mosaics: the ecology of landscapes and regions

Fonte: Autores (2020).

A partir dos questionamentos e reflexões dos autores, associado ao levantamento bibliográfico realizado, pode-se realizar a discussão aqui apresentada.

Para melhor compreensão do assunto proposto neste artigo, inicialmente fez-se um questionamento sobre o que é paisagem. Neste item, são apresentadas questões epistemológicas da palavra em si e algumas aplicações da mesma. Em seguida, discute-se sobre a paisagem na geografia, como esta é entendida e quais as conotações que este termo carrega dentro deste campo do conhecimento. Depois de se entender o termo e os significados concebidos dentro da ciência geográfica, apresenta-se o conceito de paisagem nas mais diversas escolas nacionais geográficas, discutindo, assim, a sua trajetória e a influência em cada uma delas, conforme disposto a seguir.

## O QUE É PAISAGEM?

Mediante o que se tem desenvolvido na epistemologia das ciências e conceitos, e no que se entende atualmente por paisagem, pode-se questionar: A paisagem sempre foi concebida como algo que pode ser visto ou sentido, ou foi apenas com a sistematização do conhecimento que o ser humano compreendeu o que era paisagem? Existe um conceito fechado que defina clara e completamente o que o termo paisagem quer representar, ou todos os conceitos existentes definem acertadamente o que é paisagem? Esses questionamentos não fazem parte apenas de um ramo disciplinar que tenta entender a epistemologia das ciências ou dos conceitos, pelo contrário, faz parte do pensar de todos aqueles que refletem sobre a sistematização do conhecimento, não reproduzindo o que é dito/ouvido, mas, buscando compreender a essência do que é apresentado.

Na opinião de Dardel (1952, p. 41), “algo mais que uma justaposição de detalhes pitorescos, a paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido. Há uma ligação interna, uma impressão, unindo todos os elementos”.

Para Chantal e Raison (1986), apesar desta integração de elementos, ela pode ser vista das mais diferentes formas e usada em diversos contextos,

Paisagem, palavra de uso cotidiano, que cada pessoa utiliza a seu modo; o que não impediu de se tornar um vocábulo à moda. Paisagem, uma destas noções utilizadas por um número sempre crescente de disciplinas, que muitas vezes ainda se ignoram. Paisagem, enfim, um dos temas clássicos da investigação geográfica. Conforme o interesse do que é objeto ou uma maneira como se encara a própria noção de paisagem difere. Se um geógrafo, um historiador, um arquiteto se debruçarem

sobre a mesma paisagem, o resultado de seus trabalhos e a maneira de conduzi-los serão diferentes, segundo o ângulo de visão de cada um dos que a examinam (CHANTAL; RAISON, 1986, p.138).

Sobre esta perspectiva, os autores supracitados alertam que a paisagem apresenta diversas conotações, e que, conforme a ciência ou o estudo, o mesmo conceito tem percepções diferenciadas, chegando-se, assim, a resultados diversos, a partir da área do conhecimento. Chantal e Raison (1986) entendem que o termo paisagem é extremamente polissêmico, e as acepções disciplinares a ele relacionadas são tão vagas quanto variadas.

Luchiari, por sua vez, afirma que “quando tomada pelo indivíduo, a paisagem é forma e aparência. Seu verdadeiro conteúdo só se revela por meio das funções sociais que lhe são constantemente atribuídas no desenrolar da história” (2001, p. 13). Ou ainda,

É denotada pela morfologia e conotada pelo conteúdo e processo de captura e representação. A paisagem como representação resulta da apreensão do olhar do indivíduo, que, por sua vez, é condicionada por filtros fisiológicos, psicológicos socioculturais e econômicos, e da esfera da rememoração e da lembrança recorrente. A paisagem só existe a partir do indivíduo que organiza, combina e promove arranjos do conteúdo e forma dos elementos e processo, num jogo de mosaicos [...] Assim a paisagem tem sua existência condicionada pela capacidade do indivíduo reter, reproduzir e distinguir elementos significativos (culturais ou naturais, circunstanciais ou processuais, adventícios ou genuínos, entre outros aspectos) desse mosaico construído. A paisagem evoca significados a partir dos signos e valores atribuídos. Esses signos assumem amplo espectro de propriedades e escalas numa grade semântica própria (GOMES, 2001, p. 56-57).

Do material para o imaterial, do visível para o sentido, a paisagem apresenta-se das mais diferentes formas. Não apenas no que se vê, mas no que se sente, naquilo que é carregado de sentimentos ou sensações, ou apenas no substrato físico e suas nuances. Essas são algumas interpretações do termo paisagem. Aurélio (2002) chegou a conceituar a paisagem como uma extensão de território que se abrange com um lance de vista.

Apesar, porém, de mais atual que as reflexões de Dardel (1952), Chantal e Raison (1986), Luchiari (2011) e Gomes (2001), a definição posta por Aurélio levou em consideração apenas o campo do visível, do substrato físico e, portanto, configura-se como simplista, ou até mesmo um retrocesso daquilo que se entendia por paisagem. A dita “evolução” do conceito passou de uma abrangência epistemológica reflexiva para aquilo que o olhar consegue alcançar.

Dantas e Morais (2008), em seus estudos, concluíram que até o século 16 a concepção de paisagem estava imersa na noção de país ou na fração de espaço identificado por território, ou ainda, em um lugar do ponto de vista de suas características físicas, humanas e econômicas. Posteriormente, o termo foi associado ao meio físico, às questões espaciais relacionadas aos aspectos físicos, humanos e econômicos de um determinado lugar.

Os aspectos estéticos da paisagem vieram a surgir apenas com a chegada do século 17, com as pinturas artísticas que alimentavam a imaginação e despertavam o

senso de contemplação. Para Dantas e Morais (2008), até o século 18, a percepção da paisagem estava atrelada à pintura e à arte, que, por sua vez, representavam os sítios e os lugares. Com a evolução do conhecimento, diversos conceitos foram elaborados para aquilo que já era percebido.

Assim, perceptível é que o termo paisagem nos remete a várias interpretações, nos mais diversos campos do conhecimento, interpretações estas que são consideradas por Barbosa e Gonçalves (2014) como consequência da evolução semântica e variação linguística do seu prefixo inicial. Do termo primitivo – o latim *pagus* = país (BOLÓS I CAPDEVILA, 1992a; PASSOS, 2008) derivaram quatro outras palavras (prefixos) – *paese*, *país*, *pays* e *land* –, onde as três primeiras possuem o mesmo significado (país) e sentido do termo original, que se refere a uma porção do espaço geográfico, a uma região geográfica, um território. O quarto termo, *land*, quer dizer terra, mas seu sentido é igualmente o mesmo dos demais (BARBOSA; GONÇALVES, 2014).

Baseados nisto, Barbosa e Gonçalves (2014) ressaltam que, de maneira geral, a palavra paisagem, independentemente de um campo disciplinar, está diretamente associada a três significados distintos, sendo eles:

Como arranjo fisionômico das características biofísicas e humanas de uma determinada área; como extensão de um terreno perceptível a partir de um lugar determinado; e ainda, como a percepção subjetiva e sua representação por meio de um quadro ou fotografia, significando um cenário ou uma cena (p. 94).

Assim, o conceito de paisagem mais aplicado atualmente, sobretudo nas escolas, independentemente do campo disciplinar, refere-se àquele em que a visão do indivíduo consegue alcançar. Este conceito, apesar de amplamente disseminado, limita a paisagem ao campo visual, o que, por sua vez, tem sido questionado por muitos estudiosos.

Dentro da abordagem disciplinar específica, o conceito de paisagem ganha novas atribuições, ou novas reflexões são realizadas, com o intuito de se aperfeiçoar os conhecimentos já produzidos. Assim, ver-se-á de que maneira a paisagem é abordada no campo geográfico.

## A PAISAGEM NA GEOGRAFIA

O termo paisagem tem sido utilizado e discutido há muito em diversos campos do conhecimento. No aspecto geográfico não foi diferente, sendo esta expressão considerada antiga, pois, de acordo com Troll (1982), o termo alemão que se refere à paisagem – *Landschaft* – existe há mais de um milênio e tem uma evolução linguística muito significativa. O mesmo autor, contudo, salienta que "somente a geografia deu ao seu uso um valor científico, transformando-o em eixo de toda uma teoria da investigação" (TROLL, 1997, p. 2).

Assim, com as reflexões mais direcionadas para este termo que até agora era visto como categoria de análise geográfica, alguns autores começaram a enaltecer o referido conceito na geografia e menosprezaram as demais categorias de análise, tendo-se como exemplo Cosgrove (1998), ao afirmar que



Ao contrário do conceito de *lugar*, o de *paisagem* lembra-nos sobre a nossa posição no esquema da natureza. Ao contrário de *espaço* ou *ambiente*, ele nos diz que apenas através da consciência e razão humana este esquema pode ser conhecido. Ao mesmo tempo, paisagem lembra-nos que a geografia está em toda a parte, que é uma fonte constante de beleza e feiura, de alegria e sofrimento, de acertos e erros (p. 41).

Estas significações dadas à expressão paisagem e salientadas por Cosgrove, porém, estão diretamente relacionadas ao termo *landschaft*, o qual, segundo os estudos de Freitas, Peres e Rahy (1999) não possui correspondente em outras línguas, e que o mesmo é carregado de visões de mundo distintas, com diversas significações, gerando, assim, uma teia de interpretações e aplicações.

Apesar de todas as discussões teóricas existentes em torno da construção do conceito de paisagem em geografia, no entanto, sabe-se de forma acertada que esta tem sido uma categoria de análise que subsidia a abordagem dos estudos geográficos, sobretudo os ditos físicos, sendo visto como “um conceito capaz de fornecer unidade e identidade à geografia” (CABRAL, 2000, p. 35), mesmo sendo “construído sob a influência do racionalismo positivista, de um lado, e do romantismo e idealismo do outro” (LUCHIARI, 2011, p. 94).

Apesar de concordar que o conceito de paisagem forneceu identidade à ciência geográfica, Venturi (2004) percebeu que o vocábulo alemão supramencionado, dentre as suas mais diversas significações, também está carregado de um pensamento naturista, e que o conceito *landschaft* deriva-se em paisagem natural (*naturlandschaft*) e paisagem cultural (*kulturlandschaft*), um conceito bastante difundido atualmente, sobretudo nas escolas brasileiras, provocando certa dicotomia na configuração do conceito.

Assim, se a terminologia paisagem possuía diversas significações em si mesma, é interessante destacar que, mesmo dentro de um campo específico do conhecimento, os conceitos a respeito deste termo também apresentam controvérsias, pois estão diretamente relacionados à língua em que o vocábulo é empregado. Por exemplo, Castro (2005) assevera que os vocábulos *landschaf* (alemão) e *paysage* (francês) certamente não significam a mesma coisa, afirmando que a palavra alemã é mais antiga e possui um significado mais complexo que a de língua latina, associada ao renascimento e, em sua origem, as artes plásticas.

Assim, partindo da terminologia alemã e dos estudos e reflexões que foram sendo desenvolvidos a respeito do mesmo com o passar dos anos, Barbosa e Gonçalves (2014) perceberam que, no âmbito da ciência geográfica, o conceito de paisagem assumiu um caráter polissêmico, podendo ser algo visível e invisível dentro das abordagens geográficas, ou até mesmo podendo estar relacionada ao material, mas, também, à percepção do indivíduo.

Associada a esta polissemia e dicotomização do conceito de paisagem dentro da geografia, teóricos e diversos pensadores enaltecem o conceito de paisagem na referida ciência, porém, muitos o menosprezam na mesma proporção, e isto se dá devido ao momento histórico, político e econômico em que cada escola geográfica se desenvolveu. Partindo disto, apresentar-se-á a seguir como o conceito de paisagem foi trabalhado nas diversas escolas geográficas.

## AS TRAJETÓRIAS GEOGRÁFICAS E O CONCEITO DE PAISAGEM

Segundo Cavalcanti (2010-2011), os pressupostos geográficos transformaram-se ao longo do tempo, devido às diferentes abordagens que eram realizadas a cada escola nacional que surgia. A estruturação destes pressupostos era discutida e reelaborada a partir do surgimento de novas ideias e da redefinição dos conceitos até então aceitos.

Este ponto pode ser percebido na gênese da geografia moderna, que se dá na Alemanha no século XIX, quando uma ampla variedade de conceitos e pressupostos-metodológicos passava a surgir, característica ligada a reformulação sistemática ocorrida. Esse momento gera dificuldade de entendimento quanto a sua relação com o conceito de geografia existente na época, ao mesmo tempo em que, de fato não se podia fazer relação com o aporte conceitual e metodológico já existente, exatamente por se tratar de uma nova geografia, uma nova roupagem (SILVEIRA; VITTE, 2010, p. 27).

Neste sentido, Silveira e Vitte (2010), contrapondo Capel (1981) na recusa da origem da Geografia moderna em Humboldt, afirmam que o que estava sendo construído até então sob o nome de Geografia nada tinha a ver com a geografia da época, justamente pelo fato de que é uma nova reformulação, que, atendendo inclusive pelo nome de Geografia Física, representa um passo decisivo para a construção sistemática de um saber geográfico moderno. Percebe-se aí a constante transformação presente na ciência geográfica ao longo do tempo, o que influencia diretamente nas visões, nas interpretações, nos métodos e nos conceitos enaltecidos.

Durante a Antiguidade Clássica, o estudo da paisagem era representado por meio da descrição dos lugares. De acordo com a história, nesta época a sociedade procurava controlar o ambiente, e tudo que não estava sob o controle humano era, segundo Maximiano (2004, p. 83), "olhado com desconfiança e entendido com elemento hostil", como o pensamento que promoveu a construção de muitos jardins fechados com espécies muitas vezes diversas das que existiam na localidade. No Egito, a IV Dinastia Egípcia (2500 a.C.) organizava jardins ornados com partes com água e varandas, que, em conjunto com pavilhões e celeiros, formavam um complexo residencial rodeado por muros (LEITE, 1994).

Os assírios também tinham suas peculiaridades em relação a este assunto. A organização de parques de caça assírios e a construção de pequenos oásis com sombra, flores e água são emblemas da concepção de paisagem há milhares de anos na região dos rios Tigre e Eufrates, e foram percebidas mais tarde, nos jardins de influência moura em Granada, Córdoba e Toledo, na Espanha. Unindo utilitarismo e estética ao reorganizar a paisagem, eram escolhidos os elementos benéficos de um ambiente silvestre, considerado hostil na maioria das vezes (ROUGERIE; BEROUTCHATCHVILI, 1991, p. 35).

No caso de Roma, a paisagem estava centrada nas grandes construções arquitetônicas, onde as belezas naturais não possuíam grande evidência. De acordo com Maximiano (2004), esta característica marcou os jardins ocidentais até a Idade Média dos feudos. De acordo com Polette (1999, p. 85), na Idade Média a paisagem era entendida "como o espaço percebido (fisionômico) e o espaço vivido (territorial)", e



na Idade Moderna, a preocupação com os aspectos relacionados à paisagem era fundamental para enriquecer o relato sobre as terras descobertas (OLIVEIRA, 2000).

Baseado nesse processo histórico, percebe-se que o termo paisagem está presente na sociedade há muitos anos, o que leva Schier (2003, p. 85) a afirmar que o termo paisagem é discutido desde o século 19 e, na sua concepção, esta discussão serve "para se entender as relações sociais e naturais em um determinado espaço".

Reintegrando o que já foi exposto, Pereira e Silva (2009) afirmam que a discussão sobre a paisagem é divergente em função das múltiplas abordagens que surgem, e a compreensão do conceito depende das influências culturais e discursivas entre geógrafos. Em função disto, existem diferentes concepções de paisagem, tais como as das escolas alemã, russa, francesa, norte-americana, etc.

A Escola Alemã de Geografia é considerada uma das mais antigas que estudam a paisagem, predominando as análises descritivas e regionais (GUERRA; MARÇAL, 2006); nela destacam-se os trabalhos de Kant, Humboldt e Ritter, em busca de uma visão totalizadora da natureza.

Foi na Alemanha do século XVIII, que Humboldt fez referência à paisagem demonstrando seu interesse pela fisionomia e aspecto da vegetação, pelo clima, sua influência sobre os seres e o aspecto geral da paisagem, variável conforme a natureza do solo e sua cobertura vegetal (ROUGERIE; BEROUTCHATCHVILI, 1991, p. 35).

Assim, Polette (1999) afirma que Humboldt, no início do século 19, inseriu a palavra paisagem no meio geográfico científico, definindo-a como "*Der Totalcharakter einer Erdgegend*", isto é, as características totais de uma região da Terra.

Esse conceito de paisagem defendido por Humboldt, de acordo com Bolós i Capdevila (1992a, p. 7), pode ser muito bem empregado no conceito de paisagem integrada, uma vez que ele considerava que a natureza, incluindo o homem, "... vive gracias a un cambio continuo de formas y movimientos internos...", cíclicos, "... que conducen a una constante renovación de formas y de funcionamiento...".

Assim como Humboldt, outros naturalistas da escola germânica apresentaram trabalhos pioneiros, uma vez que tentaram articular conhecimentos geológicos com aspectos relacionados à formação dos solos, características florísticas e climáticas e observações de processos eólicos, fluviais e glaciais (RODRIGUES, 2001).

Segundo Maciel e Lima (2011), a escola germânica introduziu o conceito de paisagem como categoria científica, e a compreendeu até os anos de 1940 como um conjunto de fatores naturais e humanos. Segundo Tricart,

Para os geógrafos alemães, geralmente nutridos pelas ciências naturais, a paisagem compõe-se de diversos elementos concretos do ambiente: relevo, plantas, solos. Mas eles não registram as modificações introduzidas pelo homem e, se for o caso, eles distinguem entre paisagem natural e paisagem humanizada (TRICART, 1981, p. 7).

De acordo com Silva (2012), diversos foram os autores da escola alemã que estudaram a paisagem geográfica, realizando um estudo integrado sobre a mesma, como Ferdinand Von Richthofen, Passarge, Alfred Hettner, Carl Troll, J. Schmithüsen, O.

Schluter, E. Neef e J. Y. G. Haase, com destaque para os quatro primeiros, em virtude da contribuição de cada um.

O discípulo de Humboldt, Von Richthofen, apresentou a visão da superfície terrestre como intersecção de diferentes esferas, como litosfera, atmosfera, hidrosfera e biosfera (PEREIRA; SILVA, 2009). Passarge, que utilizou pela primeira vez o termo "fisiologia da paisagem" e definiu o que seria "Ciência da Paisagem", destaca as vinculações entre o relevo, os elementos climáticos e a vegetação (CASSETI, 2005; SILVA, 2012).

Hettner estudou a globalidade total da paisagem, com a inclusão do homem no sistema, "interconectando os fenômenos naturais e os humanos" (BOLÓS I CAPDEVILA, 1992b, p. 14).

Para Hettner, a paisagem é um complexo territorial único em seu gênero (região natural), contínuo, mas heterogêneo em seu interior (FROLOVA, 2001). Carl Troll incorporou ao conceito de paisagem as ideias da ecologia, definiu o conceito de ecótopo e deu abertura para uma análise relativamente humanizada da geografia física (PEREIRA; SILVA, 2009).

O conceito de paisagem foi fortemente utilizado na escola alemã e gerou suas raízes na mesma, tendo variações e conceituações que estenderam suas raízes até a atualidade.

Segundo Dantas e Morais (2008), La Blache, na escola francesa, entendia a paisagem como a revelação da Terra, como um organismo em equilíbrio. O homem, ao interferir na natureza, cria o meio geográfico, e é a partir da observação e descrição desse meio que podemos compreender a dinâmica da Terra. Assim, a paisagem assume importância central, sendo a porta de entrada do geógrafo para fazer o inventário da Terra. Neste sentido, olhar e descrever, comparar e sintetizar constituem ferramentas básicas para a leitura da paisagem.

Sobre isso, Becker salienta que:

La Blache também acentuou o propósito humano da Geografia, discutindo a relação homem-natureza na perspectiva da Paisagem, não abordando as relações entre os homens. Colocou o homem como um ser ativo, que sofre a influência do meio, porém que atua sobre este meio e o transforma em possibilidades (BECKER, 2006, p. 65).

Christofoletti (1999), porém, ressalta que a paisagem não foi o carro chefe das proposições de La Blache, visto que este priorizou em seus estudos e reflexões as características relevantes das regiões, os seus componentes naturais e os advindos das atividades antropogênicas. Dessa forma, Guerra e Marçal (2006) complementam que o termo região foi, durante um longo tempo, o pilar da geografia francesa, aplicando-se tanto a conjuntos físicos, estruturais ou climáticos quanto aos domínios caracterizados pela sua vegetação, sendo que o conceito de paisagem não foi evidenciado nesta escola nacional como o foi na escola germânica.

O geógrafo francês Georges Bertrand, contudo, deu outra visibilidade para o termo paisagem, dentro da diversidade conceitual em que se encontra o termo. Fundamentado nos estudos dos geógrafos russos sobre geossistemas, ele ressalta, em seus estudos, que,

A paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É uma determinada porção do espaço, resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução (BERTRAND, 1972, p. 2).

Schier (2003) salienta que Bertrand não privilegia nem a esfera natural, nem a humana na paisagem, e demonstra certa facilidade em enxergar a paisagem de forma homogênea, entendendo que sociedade e natureza estão relacionadas entre elas, formando uma só "entidade" de um mesmo espaço geográfico.

Bertrand (1972) levantou questões em relação à paisagem, como a síntese, a dinâmica e a morfologia. A partir de seus estudos, desenvolveu uma metodologia denominada de Geossistema, Território e Paisagem (GTP), na qual a paisagem não é limitada ao campo visível, mas está carregada de aspectos perceptivos e culturais. Dentro deste sistema, o geógrafo francês entende que a paisagem está associada ao vivido, ao invisível, chegando até mesmo a se confundir com o lugar.

Na Escola Anglo-Saxônica, as reflexões de Carl Sauer obtiveram certa predominância, e sob sua influência o conceito de paisagem se desenvolveu com uma visão culturalista, onde se entendia que, o ser humano ao interagir com a natureza por meio da cultura, formava a paisagem. A paisagem era percebida "como um conjunto de formas físicas e culturais" (RODRIGUEZ; SILVA, 2013, p. 78).

Esta escola desenvolveu uma concepção pragmática de paisagem com a ideia de mosaico, cuja formação se dá pela repetição similar de ecossistemas locais ou usos da terra, ou seja, um conjunto integrado e repetido de elementos espaciais caracteriza uma paisagem. Desta forma, pode-se descer à escala de detalhe que desejar, identificando padrões de similaridade da organização do espaço em escalas menores ou maiores (FORMAN, 1995). Carl Sauer, representante da geografia cultural clássica, destaca que essa interação entre os elementos naturais e antrópicos é essencial no entendimento da paisagem. Ele afirma que

Não podemos formar uma ideia de paisagem a não ser em termos de suas relações associadas ao tempo, bem como suas relações vinculadas ao espaço. Ela está em um processo constante de desenvolvimento ou dissolução e substituição. Assim, no sentido corológico, a alteração da área modificada pelo homem e sua apropriação para o seu uso são de importância fundamental. A área anterior à atividade humana é representada por um conjunto de fatos morfológicos. As formas que o homem introduziu são outro conjunto (SAUER, 1998, p. 42).

Sendo assim, Schier (2003) entende que esta afirmação de Sauer sugere uma separação da paisagem em natural e cultural, pois explicita que é o homem que atua como sujeito de ação na natureza. Ao mencionar a capacidade de transformação, ele projeta duas possíveis formas de natureza – uma antes e outra depois da apropriação humana –, privilegiando a sucessão histórica entre as duas.

Outra importante escola relacionada aos estudos da paisagem em geografia é a soviética, que, sob a influência das concepções da escola germânica e das contribuições da edafologia, assimilou características eminentemente naturalistas, designando paisagem como o "sinônimo do conceito de espaço natural" (RODRIGUES; SILVA, 2013,

p. 80), onde o complexo natural da terra é entendido como um composto de corpos individuais, irregularmente distribuídos, mas relacionados entre si (PASSOS, 2008).

De acordo com Maximiano (2004) e Barbosa e Gonçalves (2014), a necessidade de operacionalizar o conceito de paisagem com fins de gestão territorial levou os geógrafos russos a empenharem-se em desenvolver modelos sistêmicos para a análise da paisagem, o que posteriormente resultou na Teoria dos Geossistemas, desenvolvida a partir da Teoria Geral dos Sistemas, criada nos anos de 1930 por L. V. Bertalanffy, num esforço de V. B. Sochava (na década de 1960) de aplicar esta teoria aos estudos da superfície terrestre.

Para Barbosa e Gonçalves (2014), a contribuição da Escola Soviética é largamente reconhecida como umas das mais importantes para o conhecimento sobre paisagem em geografia, especialmente para a "dita" geografia física, tanto no que diz respeito à "ordem epistemológica, quanto de estruturas institucionais". Foi essa escola a responsável por lançar as primeiras bases epistemológicas dentro de uma "lógica paisagística" (PASSOS, 2008, p. 48).

Embora o conceito de paisagem esteja bastante assimilado pela geografia, a construção da ideia não está de todo acabada. Ela precisa constantemente de rediscussões, mesmo sabendo-se que alguns aspectos são comuns à maioria dos conceitos. Ainda existem dúvidas, e em toda a trajetória geográfica nunca se obteve um conceito pronto que representasse, de fato, tudo o que é paisagem.

O principal questionamento da atualidade acerca do conceito de paisagem remete-se à inclusão da existência humana no mesmo. O humano apenas transforma a paisagem ou faz parte dela? Esses e outros questionamentos serão respondidos no avançar do conhecimento acerca deste tema, ou não.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de paisagem é utilizado por várias ciências e campos disciplinares. Cada um o entende e o representa com a visão profissional que lhe cabe. O mesmo conceito é interpretado de forma diversa por indivíduos de áreas distintas, levando em consideração a construção do conhecimento de QUEM analisa. Na Ciência Geográfica, porém, a paisagem transcendeu de meramente um conceito a uma categoria de análise, e devido a esta feita passou por uma trajetória nas escolas nacionais deste campo de estudo.

As próprias escolas alemã e francesa são enfáticas em aspectos diferentes. A geografia alemã tem ênfase naturalista, herdada de Humboldt, e a francesa enfoca a região, incluindo culturas e sociedades em cada espaço natural. A escola anglo-saxônica trouxe as questões culturais para o referido conceito, e a soviética desenvolveu estudos sistêmicos, considerada por muitos estudiosos como a mais significativa nos estudos epistemológicos da paisagem, sobretudo com orientação para a geografia física.

O conceito de paisagem em Geografia varia das questões visíveis às invisíveis, das descritivas à percepção individualista, e, mesmo com o decorrer dos séculos, ainda não é um conceito acabado. Novos questionamentos surgem, novas significações aparecem e, com o avançar do conhecimento, indagações são esclarecidas e novas questões emergem.

O que se pode perceber com o avançar dos debates conceituais e metodológicos dentro da ciência geográfica é a constante preocupação com análises e interpretações, cada vez mais totalizantes e integradoras. Com o conceito de paisagem, é possível perceber essa mesma tendência, quando a atividade ou figura humanas se tornam elemento de análise, mesmo que de forma seccionada, ou, dentro de um conjunto, uma só entidade. Ora, se a concepção humana já compreendia a paisagem antes mesmo da formulação de um conceito, pode-se dizer que o elemento humano sempre esteve presente, e que foi, a partir da observação humana, que esta passa a ser entendida como paisagem.

O certo é que, ao se tratar de paisagens no contexto atual, a escola soviética consegue ser mais acordante e adequada às questões contemporâneas, à medida que apresenta modelos sistêmicos para a análise da paisagem. Na mesma linha e fundamentado pela mesma escola, Bertrand entende a paisagem de maneira homogênea, quando enxerga que sociedade e natureza andam juntas, formando uma só entidade.

De forma geral, como afirma Schier (2003), hoje é possível perceber a existência conceitual de várias paisagens, em forma de região, território, lugar, etc. Discutir essa pluralidade conceitual e cognitiva é, no âmbito da Geografia, sem dúvida um grande desafio.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, L. G.; GONÇALVES, D. L. A paisagem em geografia: diferentes escolas e abordagens. *Revista Geográfica Eliseé*, Anápolis, v. 3, n. 2, p. 92-110, jul./dez. 2014. ISSN 2316-4360 versão *on-line*. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/view/3122>. Acesso em: 17 dez. 2017.
- BECKER, E. L. S. *História do pensamento geográfico*. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2006.
- BERTRAND, G. Paisagem e geografia física global: esboço metodológico. Tradução de Olga Cruz. *Cadernos de Ciências da Terra*, São Paulo, n. 13, 1972.
- BOLÓS I CAPDEVILA, M. Antecedentes. In: BOLÓS I CAPDEVILA, M. (org.). *Manual de ciência del paisaje: teoría, métodos y aplicaciones*. Barcelona: Masson, 1992a. Cap. 1, p. 3-11.
- BOLÓS I CAPDEVILA, M. Escuelas y tendencias actuales em la ciencia del paisaje. In: BOLÓS I CAPDEVILA, M. (org.). *Manual de ciencia del paisaje: teoría, métodos y aplicaciones*. Barcelona: Masson, 1992b. Cap. 2, p. 13-30.
- CABRAL, L. O. A paisagem enquanto fenômeno vivido. *Revista Geosul*, Florianópolis, v. 15, n. 30, p. 34-45, jul./dez. 2000. ISSN 2177-5230 versão *on-line*. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/14252/13053>. Acesso em: 17 dez. 2017.
- CAPEL, H. *Filosofía y ciencia em la geografía contemporánea: una introducción a la geografía*. Barcelona: Montesinos, 1981.
- CASSETI, V. *Geomorfología*. Goiânia, GO: FUNAPE, 2005. Disponível em: <https://www.funape.org.br/geomorfologia>. Acesso em: 13 maio 2010.
- CASTRO, D. G. *Patrimônio histórico-arquitetônico como marca de qualificação da paisagem de Quissamã: identidade cultural, poder e consumo*. 2005. 113 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Geociências, Rio de Janeiro, 2005.
- CAVALCANTI, A. P. B. Abordagens geográficas no estudo da paisagem. *Breves Contribuciones del I.E.G.*, San Miguel de Tucumán, n. 22, p. 57-74, 2010-2011.
- CHANTAL, B.; RAISON, J. Paisagem. In: CHANTAL, B.; RAISON, J. *Enciclopédia Einaudi*. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, v. 8, p. 138-159, 1986.
- CHRISTOFOLETTI, A. *Modelagem de sistemas ambientais*. São Paulo: Edgard Blucher, 1999.



- COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: Editora da VERJ, 1998. Cap. 4, p. 92-123.
- DANTAS, E. M.; MORAIS, I. R. D. *Paisagem como categoria da análise geográfica*. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008.
- DARDEL, E. *L'Homme et la terre: nature de la realite geographique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1952.
- FERREIRA, A. B. D. H. *Mini Aurélio: o dicionário da Língua Portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- FORMAN, R. T. T. *Land mosaics: the ecology of landscapes and regions*. Cambridge: Cambridge University, 1995.
- FREITAS, I. A.; PERES, W. R.; RAHY, I. S. A janela de Hitler. *Revista do Departamento de Geografia*, Rio de Janeiro, n. 6, p. 29-36, jul./dez. 1999. ISSN 2236-2878 versão *on-line*. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/49067/32781>. Acesso em: 24 jun. 2018.
- FROLOVA, M. Los orígenes de la ciencia del paisaje em la geografía rusa. *Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, Barcelona, v. 5, n. 102, p. 1-13, dez. 2001. ISSN 1138-9788 versão *on-line*. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn-102.htm>. Acesso em: 29 out. 2018.
- GOMES, P. C. D. C. *Geografia e modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- GUERRA, A. T.; MARÇAL, M. S. *Geomorfologia ambiental*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- LEITE, M. A. F. P. *Destruição ou desconstrução: questões da paisagem e tendências de regionalização*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- LUCHIARI, M. T. P. A(re)significação da paisagem no período contemporâneo. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. *Paisagem, imaginário e espaço*. Rio de Janeiro: UERJ, 2011. Cap. 2, p. 9-28.
- MACIEL, A. B. C.; LIMA, Z. M. C. O conceito de paisagem: diversidade de olhares. *Revista Sociedade e Território*, Natal, v. 23, n. 2, p. 159-177, jul./dez. 2011. ISSN 2177-8396 versão *on-line*. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/sociedadeeterritorio/article/view/3505>. Acesso em: 18 dez. 2017.
- MAXIMIANO, L. A. Considerações sobre o conceito de paisagem. *Revista RA'EGA*, Curitiba, n. 8, p. 83-91, 2004. ISSN 2177-2738 versão *on-line*. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br>. Acesso em: 17 dez. 2017.
- MOURA-FÉ, M. M. D. Historicidade e contemporaneidade do conceito de paisagem. *Revista Tamoios*, São Gonçalo, n. 2, p. 101-114, jul.-dez. 2014. ISSN 1980-4490 versão *on-line*. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/9975>. Acesso em: 24 jun. 2018.
- OLIVEIRA, L. Percepção da paisagem geográfica: Piaget, Gibson e Tuan. *Geografia*, Rio Claro, v. 25, p. 5-22, ago. 2000. ISSN 1983-8700 versão *on-line*. Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/2213>. Acesso em: 24 jun. 2018.
- ORTIGOZA, S. A. G. *Paisagens do consumo: São Paulo, Lisboa, Dubai e Seul*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 232 p.
- PASSOS, M. M. D. *A raia divisória: geossistema, paisagem e eco-história*. Maringá: Eduem, 2008. ISBN 978-85-7628-85-X versão *on-line*. Disponível em: <http://old.periodicos.uem.br/~eduem/novapagina/?q=no-de/95>. Acesso em: 17 dez. 2017.
- PEREIRA, R. C. C.; SILVA, Q. D. Paisagem: uma releitura do GTP e da percepção. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE DESENVOLVIMENTO LOCAL E SUSTENTABILIDADE, 1., 2009, São Luís. *Anais [...]*. São Luís: Universidade Estadual do Maranhão, 2009. 1 CD-ROM.
- POLETTE, M. Paisagem: uma reflexão sobre um amplo conceito. *Revista Visão e Ação*, Itajaí, n. 3, p. 83-94, abr./set. 1999. ISSN 1983-7151 versão *on-line*. Disponível em: <https://www6.univali.br/seer/index.php/rtva/article/>. Acesso em: 18 dez. 2017.
- RODRIGUES, C. A teoria geossistêmica e sua contribuição aos estudos geográficos e ambientais. *Revista do Departamento de Geografia*, São Paulo, v. 14, p. 69-77, 2001. ISSN 2236-2878 versão *on-line*. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/veiculos\\_de\\_comunicacao/RDG/RDG14/RDG14\\_09.PDF](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/veiculos_de_comunicacao/RDG/RDG14/RDG14_09.PDF). Acesso em: 24 jun. 2018.
- RODRIGUEZ, J. M. M.; SILVA, E. V. D. *Planejamento e gestão ambiental: subsídios da geoecologia das paisagens e da teoria geossistêmica*. Fortaleza: Edições UFC, 2013.



- ROUGERIE, G.; BEROUTCHACHVILI, N. *Géosystèmes et paysages: bilan et methods*. Paris: Armand Colin, 1991.
- SAUER, C. O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- SCHIER, R. A. Trajetórias do conceito de paisagem na geografia. *Revista RA'EGA*, Curitiba, n. 7, p. 79-85, 2003. ISSN 2177-2738 versão *on-line*. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br>. Acesso em: 17 dez. 2017.
- SILVA, Q. D. D. *Mapeamento geomorfológico da Ilha do Maranhão*. 2012. 249 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2012.
- SILVEIRA, E. L. D. *Observatorio Geográfico de América Latina*. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Teoriaymetodo/Conceptuales/23.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2018.
- SILVEIRA, R. W.; VITTE, A. C. Debate e epistemologia na gênese da geografia moderna. In: COLÓQUIO IBÉRICO DE GEOGRAFIA, 12., 2010, Porto. *Actas do [...]*. Fortaleza: Universidade do Porto, 2010. ISBN 978-972-99436-5 versão *on-line*. Disponível em: [https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub\\_geral.pub\\_pesquisa?pv\\_tipo\\_pesquisa=qualquer&pn\\_num\\_pagina=1&pv\\_valor\\_pesquisa=Actas+do+XII+Col%C3%B3quio+Ib%C3%A9rico+de+Geografia](https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.pub_pesquisa?pv_tipo_pesquisa=qualquer&pn_num_pagina=1&pv_valor_pesquisa=Actas+do+XII+Col%C3%B3quio+Ib%C3%A9rico+de+Geografia). Acesso em: 24 jun. 2018.
- TRICART, J. L. F. *Paisagem e ecologia*. São Paulo: IGEO/USP, 1981.
- TROLL, C. Paisaje geográfico y su investigación. In: MENDOZA, J. G.; JIMÉNEZ, J. M.; CANTERO, N. O. *El pensamiento geográfico*. Madrid: Alianza Editorial, 1982. Cap. 23, p. 323-329.
- TROLL, C. A paisagem geográfica e sua investigação. *Revista Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 1-7, 1997. ISSN 2317-4161 versão *on-line*. Disponível em: <http://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/issue/view/515>. Acesso em: 24 jun. 2018.
- VENTURI, L. A. B. A dimensão territorial da paisagem geográfica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 6., 2004, Goiânia. *Anais [...]*. Goiânia: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2004. 1. CD-ROM.

Todo conteúdo da Revista Contexto & Educação  
está sob Licença Creative Commons CC – By 4.0.